



A CULPA É
DAS ESTRELAS

JOHN GREEN

"VOCÊ
VAI RIR,
VAI CHORAR E AINDA VAI
QUERER MAIS." MARKUS
AUTOR DE A MENINA
QUE ROUBAVA
LIVROS

BRILHANTE.

JOHN GREEN

COMBINA COM
PRIMOR O PROFUNDO
E O COTIDIANO NESSE
FORTE E TOCANTE
PRESENTE PARA O
ESPÍRITO.

OS LEITORES VÃO

PRECISAR de mais de uma
caixa de lenços para enfrentar a
DOLOROSA JORNADA
de Hazel e Gus.

**O MELHOR E
MAIS AMBICIOSO
ROMANCE de GREEN
até agora.**

Um bom exemplo de por que
tantos **ADULTOS**
se voltam para a
LITERATURA JOVEM
buscando o divertimento
e o conforto que antes
encontravam na
FICÇÃO CONVENCIONAL.

Uma comédia de
tom **PERFEITO,**
MELANCÓLICA...

Vai ficar por um bom
tempo martelando na
cabeça de que é de
quem já foi jovem.

**UMA
HISTÓRIA
DOLOROSAMENTE
BELA.**

A CULPA É DAS ESTRELAS

JOHN GREEN

Tradução de Renata Pettengill



Copyright © 2012 by John Green

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte em quaisquer meios. Publicado mediante acordo com Dutton Children's Books, uma divisão do Penguin Young Readers Group, membro do Penguin Group (USA), Inc.

Esta é uma obra de ficção.

TÍTULO ORIGINAL

The Fault in Our Stars

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

DESIGN DE CAPA

Rodrigo Corral

REVISÃO

Umberto Figueiredo Pinto

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

DOAÇÃO DE

CthulhuIsComing

E-ISBN

978-85-8057-225-4

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Esther Earl

Enquanto a maré banhava a areia da praia, o Homem das Tulipas Holandês contemplava o oceano:

— Juntadora treplicadora envenenadora ocultadora reveladora. Repare nela, subindo e descendo, levando tudo consigo.

— O que é? — Anna perguntou.

— A água — respondeu o holandês. — Bem, e as horas.

— PETER VAN HOUTEN, *Uma aflição imperial*

NOTA DO AUTOR

Esta é menos uma nota e mais um lembrete do autor sobre o que apareceu impresso em letras pequenas algumas páginas atrás: Este livro é uma obra de ficção. Eu o inventei.

Nem os textos nem os leitores se beneficiam de tentativas de descobrir se há fatos reais por trás de uma história fictícia. Tais esforços são um ataque direto à crença de que histórias inventadas podem ser relevantes, o que é mais ou menos a crença fundamental da nossa espécie.

Agradeço a sua colaboração neste quesito.

CAPÍTULO UM

Faltando pouco para eu completar meu décimo sétimo ano de vida minha mãe resolveu que eu estava deprimida, provavelmente porque quase nunca saía de casa, passava horas na cama, lia o mesmo livro várias vezes, raramente comia e dedicava grande parte do meu abundante tempo livre pensando na morte.

Sempre que você lê um folheto, uma página da Internet ou sei lá o que mais sobre câncer, a depressão aparece na lista dos efeitos colaterais. Só que, na verdade, ela não é um efeito colateral do câncer. É um efeito colateral de se estar morrendo. (O câncer também é um efeito colateral de se estar morrendo. Quase tudo é, na verdade.) Mas a mamãe achava que eu precisava de tratamento, então me levou ao meu médico comum, o Jim, que concordou que eu, de fato, estava nadando numa depressão paralisante e totalmente clínica e, portanto, ele ia trocar meus remédios e, além disso, eu teria que frequentar um Grupo de Apoio uma vez por semana.

O grupo era formado por um elenco rotativo de pessoas com várias questões psicológicas desencadeadas pelos tumores. A razão de o elenco ser rotativo? Efeito colateral de se estar morrendo.

O Grupo de Apoio era megadeprimente, óbvio. A reunião acontecia toda quarta-feira no porão de uma igreja episcopal – uma construção no formato de cruz com paredes de pedra. Nós nos sentávamos em uma roda bem no meio da cruz: onde os dois pedaços de madeira um dia se cruzaram, onde esteve o coração de Jesus.

Sabia disso porque o Patrick, Líder do Grupo de Apoio e o único naquele lugar com mais de dezoito anos, falava sobre o coração de Jesus

todo raio de reunião, sobre como nós, jovens sobreviventes do câncer, estávamos sentados bem no sagrado coração de Cristo, e tal.

Bem, era assim que acontecia no coração do Senhor: os seis ou sete ou dez de nós chegávamos lá a pé/de cadeira de rodas, comíamos um pouco daqueles biscoitos velhos com limonada, sentávamos na Roda da Esperança e ouvíamos o Patrick contar pela milésima vez a história ultradeprimente e superinfeliz da sua vida — sobre ter tido câncer nas bolas e acharem que ele ia morrer, mas não morreu, e ali estava, já adulto, no porão de uma igreja na 137ª cidade mais linda dos Estados Unidos, divorciado, viciado em *videogames*, quase sem amigos, levando uma vida sem graça explorando seu fantástico passado com câncer, ralando para terminar um mestrado que não vai melhorar sua perspectiva de progresso na carreira e esperando, como todos nós, que a espada de Dâmocles traga para ele o alívio do qual escapou muitos anos atrás, quando o câncer levou seus testículos e lhe deixou algo que só a alma mais generosa poderia chamar de vida.

E VOCÊS TAMBÉM PODEM TER ESSA SORTE!

Aí nós nos apresentávamos: Nome. Idade. Diagnóstico. E como estávamos no dia. Meu nome é Hazel, dizia na minha vez. Dezesseis. Tireoide, originalmente, mas com uma respeitável colônia satélite há muito tempo instalada nos pulmões. E está tudo bem comigo.

Depois do último da roda, o Patrick sempre perguntava se alguém queria se abrir. E aí começava a punheta grupal de apoio mútuo: todo mundo falando de lutar, combater, vencer, remitir e examinar. Para não ser injusta com o Patrick, ele nos deixava falar da morte. Mas a maioria ali não estava morrendo. A maioria viveria até a idade adulta. Como o Patrick.

(Isso significa que havia muita competição, com todo mundo querendo vencer não só o câncer, mas também as outras pessoas da roda. Tipo, eu sei que não faz o menor sentido, mas quando você ouve que tem, por exemplo, vinte por cento de chance de viver cinco anos, e faz as contas e conclui que isso é uma chance em cinco... você olha em volta e pensa, como qualquer pessoa saudável faria: eu preciso durar mais que quatro desses desgraçados.)

A única coisa que salvava no Grupo de Apoio era um menino chamado Isaac, um magrelo de rosto comprido, com cabelos loiros e lisos que cobriam um de seus olhos.

E seu problema eram os olhos. Ele teve um tipo inacreditavelmente improvável de câncer ocular. Um olho foi extraído quando ele era pequeno, e agora o Isaac usava um par de óculos fundo de garrafa que fazia os olhos (tanto o de verdade quanto o de vidro) parecerem sobrenaturalmente grandes, como se a cabeça inteira fosse basicamente o globo ocular de mentira e o de verdade olhando para você. Pelo que pude entender das raras vezes que ele se abriu para o grupo, uma recorrência colocou o olho que resta em perigo mortal.

O Isaac e eu nos comunicávamos quase exclusivamente por meio de suspiros. Cada vez que alguém falava de dietas anticâncer, de cheirar cartilagem de tubarão em pó ou sei lá, ele me olhava e suspirava de leve. Eu balançava a cabeça em um movimento microscópico e dava um suspiro em resposta.

* * *

Então o Grupo de Apoio deu o que tinha de dar, e depois de algumas semanas eu passei a surtar quando tocavam no assunto. Na verdade, na quarta-feira em que conheci o Augustus Waters, tinha feito de tudo para me livrar da ida à sessão de grupo enquanto estava sentada no sofá com a mamãe, no meio da terceira parte da maratona de doze horas da temporada anterior de *America's Next Top Model*, que, confesso, já tinha visto, mas mesmo assim...

Eu: “Eu me recuso a ir ao Grupo de Apoio.”

Mamãe: “Um dos sintomas da depressão é a falta de interesse em participar de atividades.”

Eu: “Por favor, mãe, deixe eu ficar vendo *America's Next Top Model*. Isso é uma atividade.”

Mamãe: “Televisão é passividade.”

Eu: “Pô, mãe, por favor...”

Mamãe: “Hazel, você já é adolescente. Não é mais criancinha. Precisa fazer amigos, sair de casa, viver sua vida.”

Eu: “Se você quer que eu aja como adolescente, não me mande para o Grupo de Apoio. Compre uma carteira de identidade falsa para mim e aí eu vou sair à noite, beber vodca e tomar baseado.”

Mamãe: “Para início de conversa, não se *toma* baseado.”

Eu: “Viu? Esse é o tipo de coisa que eu saberia se você comprasse uma carteira de identidade falsa para mim.”

Mamãe: “Você vai para o Grupo de Apoio.”

Eu: “SAAAAAAACO.”

Mamãe: “Hazel, você merece uma vida.”

Aquilo me fez calar a boca, mesmo não tendo conseguido entender o que a ida ao Grupo de Apoio tinha a ver com a definição de *vida*. De qualquer jeito, concordei em ir — depois de negociar o direito de gravar o episódio e meio do *ANTM* que eu ia perder.

Ia ao Grupo de Apoio pelo mesmo motivo que uma vez deixei enfermeiras com um ano e meio de faculdade me envenenarem com substâncias químicas de nomes exóticos: queria fazer meus pais felizes. Só tem uma coisa pior nesse mundo que bater as botas aos dezesseis anos por causa de um câncer: ter um filho que bate as botas por causa de um câncer.

* * *

Mamãe parou na entrada de carros circular atrás da igreja às 4h56. Fingi que estava ajeitando o cilindro de oxigênio por um segundo só para ganhar tempo.

— Quer que eu o carregue até lá dentro?

— Não, está tudo bem — respondi.

O cilindro verde só pesava uns poucos quilos e eu tinha um carrinho de aço para transportá-lo. Aquilo me fornecia dois litros de oxigênio por minuto através de uma cânula, um tubo transparente que se dividia bem embaixo do meu pescoço, passava por trás das orelhas e se juntava de novo nas narinas. A geringonça era necessária porque meus pulmões faziam um péssimo trabalho como pulmões.

— Eu te amo — ela disse, enquanto eu saltava do carro.

— Eu também, mãe. Vejo você às seis.

— Faça amigos! — ela gritou pela janela abaixada enquanto eu me distanciava.

Não quis usar o elevador porque isso é o tipo de coisa que você faz nos seus “Últimos dias no Grupo de Apoio”, então fui de escada. Peguei um

biscoito, coloquei um pouco de limonada num copo descartável e me virei.

Um garoto olhava fixamente para mim.

Eu tinha quase certeza de nunca ter visto aquele cara na vida. Alto e magro, mas musculoso, ele fazia a cadeira de plástico, daquelas usadas em sala de aula, parecer minúscula. Cabelo acaju, liso e curto. Parecia ter a minha idade, talvez um ano mais velho, e estava sentado com o cóccix na beirada da cadeira, uma postura péssima, com uma das mãos enfiada até a metade no bolso da calça *jeans* escura.

Desviei o olhar, repentinamente consciente da quantidade infinita de coisas erradas em mim. Eu estava com uma calça *jeans* velha, que algum dia foi justa mas que agora ficava folgada nos lugares mais estranhos, e uma camiseta de malha amarela com o nome de uma banda da qual eu nem gostava mais. Tinha também meu cabelo: cortado tipo Príncipe Valente, e eu nem tive a preocupação de, puxa, dar uma escovada nele. Além disso, minhas bochechas estavam ridiculamente redondas, como as de um esquilo, efeito colateral do tratamento. Eu era uma pessoa de proporções normais com um balão no lugar da cabeça. Isso sem falar do inchaço nos tornozelos. Mesmo assim, dei uma espiada rápida e os olhos dele ainda estavam grudados em mim.

Foi então que entendi o verdadeiro sentido de aquilo ser chamado de *contato visual*.

Andei até a roda e me sentei ao lado do Isaac, a duas cadeiras do garoto. Olhei de novo, rapidamente. Ele ainda me observava.

Na boa, vou logo dizendo: ele era um gato. Se um cara que não é gato encara você sem parar, isso é, na melhor das hipóteses, esquisito, e na pior, algum tipo de assédio. Mas se é um cara gato... na boa...

Peguei meu celular e apertei uma tecla para ver as horas. Os lugares na roda foram ocupados por azarados de doze a dezoito anos e, então, o Patrick deu início aos trabalhos com a prece da serenidade: *Senhor, dê-me serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar as que posso, e sabedoria para reconhecer a diferença entre elas*. O garoto ainda estava me encarando. Senti meu rosto ficar vermelho.

Por fim, resolvi que a melhor estratégia seria também olhar fixamente para ele. Afinal de contas, os garotos não detêm o monopólio da Atividade Encaradora. Foquei nele enquanto o Patrick explicava pela milésima vez sua ausência de bolas etc., e aquilo logo virou um Jogo do Sêrio. Depois de

um tempo o garoto sorriu e, até que enfim, desviou os olhos azuis. Quando me olhou de novo, arqueei as sobrancelhas como que dizendo: *ganhei*.

Ele deu de ombros. O Patrick prosseguiu e, enfim, a hora das apresentações chegou.

— Isaac, talvez você queira ser o primeiro hoje. Sei que está enfrentando um grande desafio no momento.

— É — o Isaac disse. — Meu nome é Isaac. Tenho dezessete anos. Parece que vou precisar ser operado em duas semanas, depois vou ficar cego. Não estou reclamando nem nada porque sei que poderia ser pior, como no caso de alguns aqui, mas, quer dizer, ficar cego é, tipo, uma droga. Ter uma namorada me ajuda. Além de amigos como o Augustus. — Ele balançou a cabeça na direção do garoto, que agora tinha nome. — Pois é... — continuou. Ele estava olhando para as mãos, os dedos cruzados parecendo o topo de uma tenda indígena. — Não há nada que se possa fazer para mudar isso.

— Estamos do seu lado, Isaac — o Patrick falou. — Vamos lá, pessoal, digam para o Isaac ouvir.

E então todos nós, em uníssono, dissemos:

— Estamos do seu lado, Isaac.

O Michael foi o próximo. Ele tinha doze anos. Sofria de leucemia. Desde que se entendia por gente. E estava bem. (Pelo menos foi o que disse. Ele desceu de elevador.)

A Lida tinha dezesseis anos e era bonita o suficiente para ser alvo do olhar do cara gato. Era frequentadora assídua das reuniões — estava em um longo período de remissão de um câncer de apêndice, que eu nem sabia que existia. Ela disse — como em todas as outras vezes que eu fui às sessões do grupo — que se sentia *forte*, o que para mim, com aquela chavinha de oxigênio fazendo cosquinhas no nariz, era o mesmo que tirar onda.

Outros cinco falaram antes do cara gato. Ele deu um sorrisinho quando chegou sua vez. A voz era baixa, aveludada e supersensual.

— Meu nome é Augustus Waters — disse. — Tenho dezessete anos. Tive uma pitada de osteossarcoma um ano e meio atrás, mas só estou aqui hoje porque o Isaac pediu.

— E como está se sentindo? — o Patrick perguntou.

— Ah, maravilha. — Augustus Waters deu um sorrisinho. — Estou numa montanha-russa que só vai para cima, amigão.

Quando chegou minha vez, eu disse:

— Meu nome é Hazel. Tenho dezesseis anos. Tireoide com metástase nos pulmões. Estou bem.

A hora passou rápido. Lutas foram recontadas, batalhas ganhas em guerras que com certeza seriam perdidas; a esperança virou tábua de salvação; famílias foram celebradas e recriminadas; foi consenso que os amigos não entendiam nada; lágrimas foram compartilhadas, e consolo, oferecido. Nem eu nem o Augustus Waters tínhamos soltado uma palavra, até que o Patrick disse:

— Augustus, talvez você queira falar de seus medos para o grupo.

— Meus medos?

— É.

— Eu tenho medo de ser esquecido — disse ele de bate-pronto. — Tenho medo disso como um cego tem medo de escuro.

— Calma aí... — disse Isaac, abrindo um sorriso.

— Estou sendo insensível? — perguntou o Augustus. — Eu posso ser bem cego quando o assunto são os sentimentos das outras pessoas.

O Isaac estava rindo, mas o Patrick levantou um dedo, repreendendo-o.

— Por favor, Augustus. Voltemos a *you* e às *suas* questões. Disse que tem medo de ser esquecido?

— É — respondeu o Augustus.

O Patrick pareceu meio perdido.

— Alguém, ahn, alguém gostaria de fazer algum comentário?

Eu não frequentava uma escola de verdade havia três anos. Meus melhores amigos eram meus pais. Meu terceiro melhor amigo era um escritor que nem sabia que eu existia. Eu era relativamente tímida — de jeito nenhum o tipo que levanta a mão para falar.

E, mesmo assim, só dessa vez, resolvi abrir o verbo. Levantei a mão, e o Patrick, a satisfação estampada na cara, disse:

— Hazel!

Eu estava, tenho certeza de que foi isso o que ele pensou, me abrindo. “Me tornando parte do grupo.”

Olhei na direção do Augustus Waters, que me encarava. Dava quase para ver através dos olhos dele, de tão azuis.

— Vai chegar um dia — eu disse — em que todos vamos estar mortos. Todos nós. Vai chegar um dia em que não vai sobrar nenhum ser humano sequer para lembrar que alguém já existiu ou que nossa espécie fez qualquer coisa nesse mundo. Não vai sobrar ninguém para se lembrar de Aristóteles ou de Cleópatra, quanto mais de você. Tudo o que fizemos, construímos, escrevemos, pensamos e descobrimos vai ser esquecido e tudo isso aqui — fiz um gesto abrangente — vai ter sido inútil. Pode ser que esse dia chegue logo e pode ser que demore milhões de anos, mas, mesmo que o mundo sobreviva a uma explosão do Sol, não vamos viver para sempre. Houve um tempo antes do surgimento da consciência nos organismos vivos, e vai haver outro depois. E se a inevitabilidade do esquecimento humano preocupa você, sugiro que deixe esse assunto para lá. Deus sabe que é isso o que todo mundo faz.

Eu tinha aprendido aquilo com meu já citado terceiro melhor amigo, Peter Van Houten, o autor recluso de *Uma aflição imperial* — de todos os meus livros, o mais próximo de uma Bíblia. Peter Van Houten era a única pessoa que eu conhecia que parecia: (a) entender o que era estar morrendo, e (b) não ter morrido.

Assim que terminei fez-se um longo silêncio, e eu pude ver um sorriso se abrindo de um canto ao outro no rosto do Augustus — não o tipo de sorriso cafajeste do garoto tentando parecer *sexy* ao me encarar, mas um sorriso sincero, quase maior que a cara dele.

— Caramba! — disse ele baixinho. — Não é que você é mesmo demais?

Nós dois não falamos mais nada até o fim da reunião, quando todos se deram as mãos e o Patrick nos guiou em uma prece.

— Senhor Jesus Cristo, estamos aqui reunidos em Seu coração, *literalmente em Seu coração*, como sobreviventes do câncer. O Senhor e somente o Senhor nos conhece como conhecemos a nós mesmos. Nos guie pela vida e para a Luz em nossos períodos de provação. Oremos pelos olhos do Isaac, pelo sangue do Michael e do Jamie, pelos ossos do Augustus, pelos pulmões da Hazel, pela garganta do James. Oremos para que o Senhor consiga nos curar e para que possamos sentir Seu amor e Sua paz, que excedem todo o entendimento. E nos lembremos em nossos corações daqueles que um dia conhecemos, amamos e que foram para a Sua casa: Maria, Kade, Joseph, Haley, Abigail, Angelina, Taylor, Gabriel...

A lista era grande. Tem muita gente morta no mundo. E enquanto o

Patrick continuava a ladainha, lendo a relação em uma folha de papel porque era muito comprida para ser decorada, fiquei de olhos fechados, tentando elevar os pensamentos em oração, mas a maior parte do tempo imaginava o dia em que meu nome ocuparia um lugarzinho ali, bem no fim da lista, quando ninguém mais está prestando atenção.

Quando o Patrick acabou, entoamos juntos aquele mantra idiota — VIVENDO O MELHOR DA NOSSA VIDA HOJE — e foi o fim da reunião. O Augustus Waters empurrou o corpo para fora da cadeira e caminhou na minha direção. O andar dele era tão cafajeste quanto o sorriso. Ele parou na minha frente, mas manteve uma certa distância para eu poder olhá-lo nos olhos sem ter de esticar o pescoço.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou.

— Hazel.

— Não, o nome completo.

— Ahn, Hazel Grace Lancaster.

Ele ia dizendo alguma coisa quando o Isaac se aproximou.

— Só um instante — falou, levantando um dedo, e virou-se para o Isaac.

— Isso foi pior do que você tinha dito, na verdade.

— Eu disse que era um tédio.

— Por que você se dá o trabalho de vir aqui?

— Sei lá. Meio que ajuda...?

O Augustus inclinou o corpo achando que assim eu não conseguiria ouvi-lo.

— Ela vem sempre? — Não deu para escutar o comentário do Isaac, mas o Augustus respondeu: — Quer saber? — Ele pegou o Isaac pelos ombros e deu meio passo para trás. — Conte à Hazel da ida ao médico.

O Isaac apoiou uma das mãos na mesa de biscoitos e virou o olho enorme para mim.

— Tá, é que eu fui ao médico hoje de manhã e estava falando para o meu cirurgião que preferiria ser surdo a ser cego. E ele disse: “Não é assim que as coisas funcionam.” Aí eu falei, tipo: “É, eu sei que não é assim; só estou dizendo que preferiria ser surdo a ser cego se pudesse escolher, mas sei que não posso.” E ele: “Bem, a boa notícia é que você não vai ficar surdo.” Eu disse: “Obrigado por esclarecer que meu câncer no olho não vai me deixar surdo. É muita sorte minha ter um gênio como você me operando.”

— Ele é mesmo um gênio — falei. — Vou tentar arrumar um câncer qualquer no olho para poder conhecer esse cara.

— Boa sorte. Então, tá. Já vou indo. A Monica está me esperando. Preciso olhar bastante para ela enquanto posso.

— *Counterinsurgence* amanhã? — o Augustus perguntou.

— Com certeza. — O Isaac deu meia-volta e subiu as escadas correndo, pulando os degraus de dois em dois.

Augustus Waters se virou para mim:

— Literalmente.

— Literalmente? — perguntei.

— Estamos literalmente no coração de Jesus... Achei que estivéssemos no porão de uma igreja, mas estamos literalmente no coração de Jesus.

— Alguém deveria contar isso para Jesus — falei. — Quer dizer, deve ser perigoso ficar guardando crianças com câncer no coração.

— Eu mesmo poderia contar — o Augustus falou —, mas, para minha infelicidade, estou literalmente enterrado no coração Dele, então Ele não vai conseguir me ouvir.

Eu ri. O Augustus balançou a cabeça, me olhando.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — ele respondeu.

— Por que você está olhando para mim desse jeito?

Ele deu um sorrisinho.

— Porque você é bonita. Eu gosto de olhar para pessoas bonitas, e faz algum tempo que resolvi não me negar os prazeres mais simples da existência humana. — Um silêncio constrangedor se seguiu. Mas o Augustus quebrou o gelo. — Quer dizer, principalmente porque, como você deliciosamente observou, tudo isso vai acabar em total esquecimento, e tal...

Eu meio que engasguei, ou suspirei, ou soltei o ar de um jeito que pareceu quase uma tosse, e disse:

— Eu não sou boni...

— Você é tipo uma Natalie Portman milenar. Tipo a Natalie Portman em *V de Vingança*.

— Não vi esse filme — falei.

— Sério? — ele perguntou. — Garota linda, de cabelo curto, rejeita a autoridade e não consegue resistir a um cara que ela sabe que vai ser um

problema. É sua autobiografia, pelo menos até aqui, pelo que posso ver.

Cada sílaba que saía da boca dele flertava comigo. O.k., ele meio que me deixava excitada. Eu nem sabia que garotos *podiam* me deixar excitada – pelo menos não, tipo, na vida real.

Uma menina mais nova passou por nós.

– E aí, Alisa. Tudo bem? – ele perguntou.

Ela sorriu e balbuciou:

– Oi, Augustus.

– Gente do Memorial – ele explicou.

Memorial era o grande hospital de pesquisas.

– Qual você frequenta?

– O Hospital Pediátrico – respondi, meu tom de voz mais baixo do que eu pretendia. Ele fez que sim com a cabeça. A conversa parecia ter chegado ao fim. – Bem – falei, mexendo a cabeça vagamente na direção dos degraus que levavam para fora do Coração Literal de Jesus. Inclinei o carrinho do oxigênio para apoiá-lo nas rodinhas e comecei a andar. O Augustus foi mancando ao meu lado. – Então, a gente se vê na próxima, talvez? – perguntei.

– Você deveria assistir – ele falou. – Ao *V de Vingança*, quero dizer.

– Tá. Vou ver se acho para assistir.

– Não. Comigo. Na minha casa – ele disse. – Agora.

Parei de andar.

– Eu mal conheço você, Augustus Waters. Você pode muito bem ser o assassino do machado.

Ele concordou.

– Tem toda razão, Hazel Grace.

E passou por mim, os ombros dando forma à camisa polo verde, as costas retas, os passos da direita um pouco mais marcantes enquanto andava firme e confiante apoiado no que eu determinei ser uma prótese. Às vezes o osteossarcoma leva um dos membros só para dar uma sondada em você. Depois, se gostar, leva o restante.

Eu o segui escada acima, devagar, ficando para trás. Degraus não são o forte dos meus pulmões.

Aí fomos do coração de Jesus até o estacionamento, o frescor da brisa da primavera na medida certa, a luz do fim de tarde divina em sua nocividade.

Mamãe não tinha chegado ainda, o que era estranho, porque ela quase sempre estava lá esperando por mim. Olhei em volta e vi que uma garota alta, morena e boazuda imprensava o Isaac na parede de pedra da igreja, beijando o menino de um jeito quase agressivo. Estávamos tão perto que eu podia escutar os ruídos estranhos das duas bocas grudadas, e ouvi o Isaac dizendo “sempre”, e ela respondendo com “sempre” também.

O Augustus apareceu de repente ao meu lado e sussurrou:

– Eles são grandes adeptos de demonstrar afeto em público.

– Qual é a do “sempre”?

O ruído da troca de saliva aumentou de intensidade.

– “Sempre” é o lema deles. *Sempre* vão se amar, e tal. Pelos meus cálculos, e sendo bastante conservador, eles devem ter trocado quatro milhões de mensagens de texto com a palavra *sempre* no ano passado.

Mais dois carros chegaram, levando embora o Michael e a Alisa. Aí sobramos só o Augustus e eu, observando o Isaac e a Monica, que continuavam frenéticos, como se não estivessem encostados na parede de um local de oração. Ele pôs a mão no peito dela, por cima da blusa, e apalpou o mamilo, a mão imóvel enquanto os dedos se mexiam. Fiquei me perguntando se aquilo seria gostoso. Não parecia, mas resolvi perdoar o Isaac levando em conta o fato de que ele estava para ficar cego. Os sentidos devem aproveitar enquanto ainda há apetite, e tal.

– Imagine a última ida de carro até o hospital – falei, baixinho. – A última vez que você vai dirigir um carro.

Sem me olhar, o Augustus disse:

– Você está atrapalhando a minha *vibe* aqui, Hazel Grace. Estou tentando observar o amor adolescente em sua esplendorosa estranheza.

– Acho que ele está machucando o peito dela – comentei.

– É. É difícil saber ao certo se ele está tentando excitar a menina ou fazer um exame de mama.

Aí o Augustus colocou a mão no bolso e tirou de lá, por incrível que pareça, um maço de cigarros. Levantou a tampa da caixinha e colocou um cigarro na boca.

– Isso é *sério*? – perguntei. – Você acha isso legal? Ai, meu Deus, você acabou de estragar *a coisa toda*.

– Que coisa toda? – ele perguntou, virando para mim.

O cigarro pendia apagado da boca, do canto que não sorria.

— A coisa toda em que um garoto que não é pouco atraente ou pouco inteligente ou, aparentemente, de forma alguma pouco tolerável me encara e chama minha atenção para utilizações incorretas da literalidade e me compara a atrizes e me convida para ver um filme na casa dele. Mas é claro que sempre tem uma *hamartia* e a sua é que, ai, meu Deus, mesmo você TENDO TIDO UM RAIOS DE UM CÂNCER ainda dá dinheiro para uma empresa em troca da chance de ter MAIS CÂNCER. Ai, meu Deus. Deixe eu só dizer para você como é não conseguir respirar? É UM INFERNO. Totalmente decepcionante. *Totalmente*.

— Uma *hamartia*? — ele perguntou, o cigarro ainda na boca.

Aquilo deixava sua mandíbula contraída. E a linha da mandíbula dele, infelizmente, era tudo...

— Uma falta trágica — expliquei, dando as costas para ele.

Dei um passo na direção do meio-fio, deixando o Augustus Waters para trás, e foi então que ouvi um carro dando a partida mais adiante na rua. Era a mamãe. Ela tinha ficado ali, esperando que eu, tipo, fizesse amigos ou coisa assim.

Senti um misto de decepção e raiva crescendo em mim. Nem sei direito que sentimento era aquele, sério, só que havia *muito* dele, e eu queria dar um soco na cara do Augustus Waters e ao mesmo tempo trocar meus pulmões por outros que não fossem péssimos. Eu estava de pé bem na pontinha do meio-fio com meu All-Star Chuck Taylors, o cilindro de oxigênio no carrinho ao meu lado parecendo aquela bola de ferro que fica presa com uma corrente no tornozelo de um prisioneiro, e na hora que minha mãe ia encostando o carro senti a mão dele pegar a minha.

Puxei a mão mas me virei para ele.

— Eles não matam se você não acender — disse ele quando mamãe parou junto ao meio-fio. — E eu nunca acendi nenhum. É uma metáfora. Tipo: você coloca a coisa que mata entre os dentes, mas não dá a ela o poder de completar o serviço.

— É uma metáfora — falei, hesitante.

Mamãe esperava, quieta.

— É uma metáfora — ele repetiu.

— Você determina seu comportamento com base nas ressonâncias metafóricas...

— Ah, é. — Ele sorriu. O sorriso largo, meio bobo e sincero. — Sou um

grande adepto da metáfora, Hazel Grace.

Eu me virei para o carro. Dei uma batidinha na janela. Que se abriu.

— Vou ver um filme com o Augustus Waters — falei. — Grave, por favor, os próximos episódios da maratona do *ANTM* para mim.

CAPÍTULO DOIS

Augustus Waters dirigia muito mal. Tanto na freada quanto na arrancada, dava sempre um TRANCO enorme. Eu voava de encontro ao cinto de segurança da caminhonete Toyota toda vez que ele freava, e meu pescoço chicoteava para trás quando o pé ia para o acelerador. Eu deveria estar nervosa — sentada no carro de um estranho, indo para a casa dele, perfeitamente ciente do fato de que meus pulmões de araque iriam dificultar quaisquer esforços para evitar avanços indesejados —, mas ele dirigia tão mal que eu não conseguia pensar em outra coisa.

Tínhamos percorrido quase uns dois quilômetros em silêncio, ouvindo só os barulhos do carro, quando o Augustus disse:

— Fui reprovado três vezes no teste de direção.

— Não diga.

Ele riu e balançou a cabeça.

— É que eu não consigo sentir nada com a boa e velha prótese aqui, e não me acostumo a dirigir com o pé esquerdo. Meus médicos disseram que a maioria dos amputados consegue dirigir sem problemas, mas... bem. Não é o meu caso. Aí eu cheguei para o meu quarto teste de direção e ele rolou mais ou menos como agora. — Quase um quilômetro à frente o sinal ficou vermelho. O Augustus pisou fundo no freio, me atirando num abraço triangular com o cinto de segurança. — Foi mal. Juro por Deus que estou tentando fazer tudo devagar. Mas, aí, no fim do teste, eu estava certo de que tinha sido reprovado de novo, e o instrutor disse: “Seu jeito de dirigir é incômodo, mas não é arriscado, tecnicamente falando.”

— Não sei se concordo com ele — falei. — Acho que foi mais um caso de “privilégio do câncer”.

Os “privilégios do câncer” são pequenas coisas que as crianças com a doença recebem e as saudáveis, não: bolas de basquete autografadas por ídolos do esporte, perdão pelo atraso na entrega do dever de casa, carteiras de motorista não merecidas etc.

— É — ele disse.

O sinal ficou verde. Segurei firme no banco. O Augustus meteu o pé no acelerador.

— Você sabe que existem controles manuais para pessoas que não podem dirigir usando os pedais? — perguntei.

— Sei — ele respondeu. — Quem sabe algum dia?

E suspirou de um jeito que me fez pensar se ele achava que esse *algum dia* ia chegar. Eu sabia que o osteossarcoma tinha uma probabilidade de cura muito grande, mas, mesmo assim...

Existem várias maneiras de estabelecer a expectativa de vida aproximada de alguém sem perguntar isso *diretamente*. Eu fui pela mais tradicional.

— Então, você estuda?

Normalmente seus pais tiram você da escola quando já estão esperando que bata as botas.

— Estudo — ele respondeu. — Na North Central. Mas estou atrasado um ano, dei uma parada no segundo. E você?

Pensei em mentir. Afinal de contas, ninguém se interessa por um cadáver ambulante. Mas acabei dizendo a verdade.

— Não. Meus pais me tiraram da escola há três anos.

— Três *anos*? — ele perguntou, boquiaberto.

Contei ao Augustus a versão resumida do meu milagre: diagnosticada com câncer de tireoide em estágio IV aos treze anos. (Não contei que o diagnóstico veio três meses depois da minha primeira menstruação. Tipo: Parabéns! Você já é uma mulher. Agora morra.) E, foi o que nos disseram, era incurável.

Passei por uma cirurgia chamada *dissecação radical do pescoço*, tão desagradável quanto o nome. Depois, radioterapia. Aí tentaram quimioterapia para os tumores no pulmão, que diminuíram num primeiro momento, mas cresceram de novo. Nessa época eu já tinha quatorze anos. Meus pulmões começaram a se encher de líquido. Basicamente, eu parecia uma morta-viva — as mãos e os pés inchados como balões, a pele rachada,

os lábios sempre roxos. Existe um remédio que faz você não ficar totalmente apavorado pelo fato de não conseguir respirar, e eu tinha uma grande quantidade dele fluindo dentro de mim por um cateter central inserido periféricamente – PICC, para os íntimos – e mais de uma dezena de outros medicamentos. Mesmo assim, a sensação de afogamento é meio desagradável, principalmente quando dura vários meses. Por fim, acabei na UTI com pneumonia, e minha mãe se ajoelhou ao lado do meu leito e perguntou: “Você está pronta, querida?” Eu respondi que estava, e meu pai ficava repetindo que me amava com aquela voz embargada de sempre, e eu dizia que o amava também, e todo mundo de mãos dadas, eu sem conseguir respirar, meus pulmões funcionando no desespero, sem fôlego, me forçando a me ajeitar para tentar achar uma posição que permitisse que ar entrasse, eu constrangida pelo desespero dos meus pulmões, passada por eles *não desistirem*, simplesmente, e me lembro da minha mãe dizendo que estava tudo bem, que eu estava bem, que eu ficaria bem, e do meu pai fazendo um esforço tão grande para não chorar que, quando caía no choro, o que acontecia com frequência, parecia um terremoto. E me lembro de não querer ficar acordada.

Todo mundo achou que aquele fosse meu fim, mas minha médica do câncer, Maria, conseguiu drenar um pouco do líquido dos pulmões e, logo depois, os antibióticos que eu tomava para tratar a pneumonia começaram a fazer efeito.

Acordei e logo entrei num daqueles testes clínicos com remédios experimentais que são famosos na República da Cancervânia por *não funcionarem*. A droga se chamava Falanxifor, uma tal de molécula projetada para grudar nas células cancerosas e diminuir a velocidade de multiplicação delas. Não funcionava em mais ou menos 70% das pessoas. Mas funcionou em mim. Os tumores reduziram de tamanho.

E continuaram reduzidos. Viva o Falanxifor! Nos últimos dezoito meses minhas metástases quase não aumentaram, deixando para mim pulmões que são péssimos, mas que poderiam, a princípio, continuar funcionando indefinidamente no sacrifício com o auxílio da chavinha de oxigênio e de doses diárias de Falanxifor.

Devo confessar que a história de milagre do meu câncer só resultou em um pequeno ganho de tempo. (Eu só não sabia ainda quão pequeno.) Mas,

enquanto contava tudo ao Augustus Waters, pintei o quadro mais otimista possível, ressaltando a miraculosidade do milagre.

— Então você precisa voltar a estudar — ele disse.

— Na verdade, não dá — expliquei —, porque já peguei meu certificado de conclusão do ensino médio. Por isso tenho assistido às aulas no MCC. — Que é a faculdade comunitária da cidade.

— Uma universitária — ele disse, balançando a cabeça. — Isso explica a aura de sofisticação.

Ele abriu um sorriso afetado. Dei um empurrão no seu braço, de brincadeira. E pude sentir o músculo logo abaixo da pele, todo contraído e incrível.

Fizemos uma curva cantando pneu e entramos em um loteamento com muro emboçado de dois metros e meio de altura. A casa dele era a primeira à esquerda. Estilo colonial, dois andares. Paramos, com um tranco, na entrada de carros.

Fui atrás dele até dentro da casa. Uma placa de madeira, no *hall*, tinha gravadas com letras cursivas as palavras *O lar é onde fica o coração*, e acabou que a casa toda era enfeitada com dizeres desse tipo. *Amigos de verdade são difíceis de encontrar e impossíveis de esquecer*, afirmava uma ilustração acima do cabideiro. *O verdadeiro amor nasce em tempos difíceis*, prometia uma almofada bordada na sala de estar cheia de móveis antigos. O Augustus me pegou lendo.

— Meus pais chamam isso de Encorajamentos — explicou. — Estão espalhados por toda parte.

* * *

O pai e a mãe dele o chamavam de Gus. Estavam preparando *enchiladas* na cozinha (escrita em letras gordinhas num vidro jateado perto da pia estava a frase *Família é para sempre*). A mãe colocava frango nas *tortillas*, que o pai enrolava e botava num pirex. Eles não pareceram muito surpresos com a minha chegada, o que fazia sentido: o fato de o Augustus me fazer *sentir* especial não queria necessariamente dizer que eu *era* especial. Talvez ele levasse uma garota nova todas as noites para ver um filme e se aproveitar dela.

— Esta é Hazel Grace — ele disse, me apresentando formalmente.

— Só Hazel — falei.

— Como vai, Hazel? — o pai perguntou. Ele era alto, quase tão alto quanto o Gus, e magro de um jeito que pais mais velhos normalmente não são.

— Tudo bem — respondi.

— Como foi lá no Grupo de Apoio do Isaac?

— Foi inacreditável — disse o Gus.

— Você é um tremendo desmancha-prazeres — a mãe disse. — Hazel, você gosta de lá?

Fiquei em silêncio por um segundo, tentando decidir se minha resposta deveria ser calculada para agradar ao Augustus ou aos pais dele.

— A maioria das pessoas é bem legal — falei, por fim.

— Foi exatamente o que achamos das famílias no Memorial quando estávamos no meio do tratamento do Gus — o pai dele disse. — Todo mundo era muito gentil. Forte, também. Nos dias mais sombrios, o Senhor coloca as melhores pessoas na sua vida.

— Rápido, cadê a almofada e a linha, porque isso precisa virar um Encorajamento — o Augustus disse, e o pai pareceu ficar um pouco chateado, mas aí ele passou o braço comprido em volta do pescoço do homem e falou: — Só estou brincando, pai. Eu gosto desses malditos Encorajamentos. De verdade. Só não posso admitir isso porque sou adolescente. — O pai dele revirou os olhos.

— Você vai ficar para o jantar? — a mãe me perguntou. Ela era baixa, morena e tinha as feições de uma ratinha.

— Acho que sim — respondi. — Tenho de estar em casa às dez. Ah, só tem uma coisa... Eu não como carne...

— Não tem problema. Vamos vegetarianizar algumas delas — ela disse.

— Os animais são fofos demais? — o Gus perguntou.

— Quero diminuir a quantidade de mortes pelas quais sou responsável — falei.

O Gus abriu a boca para fazer um comentário mas pensou duas vezes e continuou calado.

A mãe dele preencheu o silêncio.

— Pois eu acho isso uma coisa maravilhosa.

Eles conversaram um pouco comigo, me contando que as *enchiladas*

eram as Famosas e Impossíveis de Não Experimentar *Enchiladas Waters*, e que o toque de recolher do Gus também era às dez, e que eles desconfiavam totalmente de qualquer um que estabelecesse um toque de recolher *diferente* de dez, comentando o fato de eu estar estudando — “ela é universitária”, o Augustus exclamou —, de o clima estar absolutamente magnífico para março, e de como na primavera tudo era renovado, e em nenhum momento fizeram qualquer pergunta sobre o oxigênio ou sobre meu diagnóstico, o que era ao mesmo tempo estranho e maravilhoso, e aí o Augustus disse:

— A Hazel e eu vamos assistir ao *V de Vingança* para que ela possa ver a *doppelgänger* cinematográfica dela, a Natalie Portman do século vinte e um.

— A sala de estar é toda de vocês — o pai dele disse, todo alegre.

— Na verdade, acho que vamos ver o filme lá no porão.

O pai dele riu.

— Boa tentativa. Sala de estar.

— Mas eu quero mostrar o porão para a Hazel Grace — o Augustus disse.

— Só Hazel — falei.

— Então mostre o porão para a Só Hazel — o pai dele disse. — E depois volte aqui para cima e assista ao seu filme na sala de estar.

O Augustus bufou, se equilibrou na perna e girou o quadril, jogando a prótese para a frente.

— Tá bem — resmungou.

Desci as escadas acarpetadas atrás dele até chegarmos a um enorme quarto-porão. No nível dos meus olhos, uma prateleira lotada de *memorabilia* de basquete se estendia pelas paredes de todo o cômodo: dezenas de troféus com homenzinhos de plástico dourado no meio de saltos com arremesso, driblando ou voando em enterradas em cestas invisíveis. Também havia várias bolas e tênis autografados.

— Eu jogava basquete — ele explicou.

— Você devia ser muito bom.

— Não era de todo ruim, mas esses tênis e essas bolas são Privilégios do Câncer. — Ele andou até a TV, onde uma pilha enorme de DVDs e *videogames* estava arrumada num formato que lembrava uma pirâmide. Dobrou o corpo na linha da cintura e puxou de lá o *V de Vingança*. — Eu era, tipo, o protótipo do jogador de basquete estudantil de Indiana — ele

disse. — Estava todo empenhado em ressuscitar a arte esquecida do arremesso de meia distância. Mas, um dia, enquanto praticava arremessos livres da cabeça do garrafão na quadra do ginásio da North Central, pegando as bolas de um carrinho, de repente me perguntei por que estava jogando um objeto esférico através de outro, toroidal. Parecia ser, de todas, a coisa mais idiota do mundo. Aí comecei a pensar nas crianças pequenas que tentam encaixar blocos cilíndricos em círculos vazados e em como tentam isso várias vezes durante meses até descobrirem como se faz, e em como o basquete era basicamente uma versão só um pouquinho mais aeróbica desse mesmo exercício. Bem, de qualquer forma, por um tempão segui encestando os lances livres. Acertei oito bolas seguidas, meu recorde absoluto, mas, enquanto continuava, me sentia cada vez mais como uma criança de dois anos. E aí, por algum motivo que não sei qual, comecei a pensar em atletas que praticam corridas com obstáculos. Está tudo bem?

Eu tinha me sentado na beira da cama desarrumada dele. Não queria me insinuar, nem nada; é que me canso um pouco toda vez que fico muito tempo de pé. Já tinha ficado em pé na sala de estar, depois desci a escada, e aí fiquei de pé de novo, o que era demais para mim, e não queria desmaiar. Eu era tipo uma donzela vitoriana, no quesito “desmaios à toa”.

— Tudo bem — falei. — Só estou prestando atenção em você. Atletas que praticam corridas de obstáculos?

— Pois é. Não sei por quê. Comecei a pensar neles correndo naquelas pistas de atletismo, saltando aqueles objetos totalmente arbitrários colocados no meio do caminho. E aí me perguntei se esses corredores já teriam pensado em algo como: *Essa corrida seria mais rápida se nós simplesmente nos livrássemos dos obstáculos.*

— E isso foi antes do diagnóstico? — perguntei.

— É, bem, tem isso também. — Ele deu um sorrisinho. — Por coincidência, o dia dos lances livres carregados de existencialismo foi meu último como bípede. Só tive um fim de semana entre o agendamento da amputação e o “dia D”. Meu vislumbre particular do momento pelo qual o Isaac está passando agora.

Balancei a cabeça, concordando. Eu gostava do Augustus Waters. Gostava muito mesmo dele. Gostava de como a história dele terminava falando de outra pessoa. Gostava da voz dele. Gostava do fato de ele ter feito lances livres *carregados de existencialismo*. Gostava de ele ser professor

titular no Departamento de Sorrisos Ligeiramente Tortos com duas cátedras no Departamento da Voz Que Me Deixa à Flor da Pele. E gostava de ele ter um apelido. Sempre gostei de pessoas com apelidos porque você pode escolher como chamá-las: Gus ou Augustus? Eu era sempre só Hazel, uma Hazel univalente.

— Você tem irmãos? — perguntei.

— Hein? — ele murmurou, parecendo um pouco distraído.

— Aquilo que você disse sobre ver crianças brincando.

— Ah, não. Eu tenho sobrinhos, das minhas meias-irmãs. Mas elas são mais velhas. Elas têm... PAI, QUANTOS ANOS A MARTHA E A JULIE TÊM?

— Vinte e oito!

— Elas têm vinte e oito anos. Moram em Chicago. As duas são casadas com advogados muito importantes. Ou banqueiros. Não lembro direito. E você, tem irmãos?

Fiz que não com a cabeça.

— E aí? Qual é a sua história? — ele perguntou, sentando do meu lado, a uma distância segura.

— Já contei minha história para você. Fui diagnosticada quando...

— Não, não a história do seu câncer. A sua história. Seus interesses, passatempos, paixões, fetiches etc.

— Humm — murmurei.

— Não vá me dizer que você é uma daquelas pessoas que encarnam a doença. Conheço tanta gente assim... Dá até pena. Tipo, o câncer é um negócio em franco crescimento, certo? O negócio de tomar-as-pessoas-de-assalto. Mas é claro que você não deixou que ele saísse vencedor assim tão cedo.

Passou pela minha cabeça a ideia de que talvez eu tivesse deixado, sim. Demorei a decidir como me vender para o Augustus Waters, que interesses selecionar, mas no silêncio que se seguiu só consegui pensar que eu não era muito interessante.

— Não tenho nada de extraordinário.

— Eu me recuso a acreditar nisso. Pense em alguma coisa de que você goste. A primeira coisa que vier à cabeça.

— Humm. Ler?

— O que você gosta de ler?

— Tudo. De, tipo, romances hediondos a ficção pretensiosa, poesia. De tudo um pouco.

— Você também escreve poesia?

— Não. Eu não escrevo.

— *Tai!* — O Augustus falou quase gritando. — Hazel Grace, você é a única adolescente nos Estados Unidos que prefere ler poesia a escrever poesia. Só isso já diz muito sobre a sua pessoa. Você lê um monte de livros maneiros com M maiúsculo, não lê?

— Acho que sim.

— Qual é o seu livro favorito?

— Humm — murmurei.

Meu livro favorito era, de longe, *Uma aflição imperial*, mas eu não gostava de falar dele. Às vezes, um livro enche você de um estranho fervor religioso, e você se convence de que esse mundo despedaçado só vai se tornar inteiro de novo a menos que, e até que, todos os seres humanos o leiam. E aí tem livros como *Uma aflição imperial*, do qual você não consegue falar — livros tão especiais e raros e seus que fazer propaganda da sua adoração por eles parece traição.

Não era nem pelo fato de o livro ser bom nem nada; era só porque o autor, Peter Van Houten, parecia me entender dos modos mais estranhos e improváveis. *Uma aflição imperial* era o meu livro, do mesmo jeito que meu corpo era meu corpo e meus pensamentos eram meus pensamentos.

Mesmo assim, falei dele para o Augustus.

— Meu livro favorito é, provavelmente, *Uma aflição imperial* — eu disse.

— Tem zumbis? — ele perguntou.

— Não — respondi.

— *Stormtroopers*?

Balancei a cabeça negativamente.

— Não é esse tipo de livro.

Ele sorriu.

— Vou ler esse livro horrível com um título sem graça que não contém *stormtroopers* — ele prometeu, e imediatamente senti que não deveria ter lhe contado. O Augustus se virou para uma pilha de livros na parte de baixo da mesa de cabeceira. Pegou um deles e uma caneta. Enquanto escrevia algo na primeira página, falou: — Tudo o que peço em troca é que você leia esta adaptação brilhante e memorável do meu *videogame* favorito. — Ele me

estendeu o exemplar, cujo título era *O preço do alvorecer*. Ri e peguei-o. Nossos dedos meio que se embaralharam no processo e no fim ele acabou segurando minha mão. — Fria — ele disse, o dedo apertando meu pulso pálido.

— Mais desoxigenada que fria — falei.

— Adoro quando você usa termos médicos comigo — ele disse, se levantando e me puxando junto.

E não soltou minha mão até chegarmos à escada.

* * *

Vimos o filme com vários centímetros de sofá entre nós. Dei uma de pré-adolescente colocando a mão no sofá na metade do caminho para deixar claro que ele podia me dar a mão se quisesse, mas ele não fez nada. Depois de uma hora de filme, seus pais entraram e nos serviram as *enchiladas*, que comemos no sofá, e estavam uma delícia.

O filme era sobre um tipo heroico e mascarado que morria heroicamente por Natalie Portman, uma garota durona e muito *sexy* que não tem nada a ver com a minha cara estufada de esteroides.

Enquanto rolavam os créditos, ele disse:

— Muito maneiro, né?

— Muito maneiro — concordei, mesmo não sendo.

Sério. Era um filme do tipo que só agrada garotos. Não sei por que os meninos esperam que gostemos desses filmes. Nós, meninas, não temos expectativa nenhuma de que eles gostem dos nossos tipos de filme.

— Preciso ir para casa. Tenho aula de manhã — falei.

Fiquei sentada no sofá por um tempo enquanto o Augustus procurava as chaves. A mãe dele se sentou ao meu lado e disse:

— Adoro esse aí. E você?

Acho que eu estava olhando fixamente para o Encorajamento acima da TV, a ilustração de um anjo com a legenda: *Sem dor, como poderíamos reconhecer o prazer?*

(Essa é uma discussão antiga no campo das Reflexões Sobre o Sofrimento, e a ignorância e a ausência de sofisticação da frase poderiam

ser analisadas por vários séculos, mas é suficiente dizer que a existência do brócolis não afeta de forma alguma o gosto do chocolate.)

— É — falei. — Um pensamento agradável.

Fui dirigindo o carro do Augustus até a minha casa, ele no banco do carona. Ele tocou para mim algumas músicas de que gostava, de um grupo chamado The Hectic Glow, e eram boas, mas como eu não conhecia, não causaram em mim o mesmo efeito que nele. De vez em quando eu dava uma olhada na perna do Augustus, ou no lugar onde ela costumava ficar, tentando imaginar como seria a aparência da perna falsa. Não queria dar muita bola para aquilo, mas dava um pouco. E ele devia sentir a mesma coisa em relação ao meu oxigênio. A doença gera repulsa. Aprendi isso há muito tempo, e achava que o Augustus também tinha aprendido.

Quando encostei o carro em frente à minha casa, o Augustus desligou o rádio. O clima ficou tenso. Ele devia estar pensando em me beijar, e eu com certeza estava considerando essa possibilidade. Fiquei me perguntando se era o que eu queria. Já tinha beijado alguns garotos, mas fazia algum tempo. Na era pré-milagre.

Coloquei a marcha do carro em ponto morto e olhei para ele. Como era belo. Sei que este não é o adjetivo mais usado para elogiar a beleza de um garoto, mas ele era.

— Hazel Grace. — Meu nome soando inédito e muito mais bonito na voz dele. — Foi um prazer inenarrável conhecê-la.

— Igualmente, Sr. Waters — falei.

E fiquei envergonhada ao olhar para ele. Não era páreo para a intensidade daqueles olhos azul-piscina.

— Podemos nos ver de novo? — perguntou, e havia um nervosismo fofo na voz dele.

Sorri.

— Claro.

— Amanhã?

— Paciência, Gafanhoto — aconselhei. — Assim vai parecer que você está ansioso demais.

— Exatamente. Foi por isso que falei “amanhã”. Quero ver você de novo hoje à noite. Mas estou disposto a esperar *a noite toda e boa parte do dia de amanhã*.

Revirei os olhos.

- Estou falando *sério* – ele disse.
- Você nem me conhece direito. – Peguei o livro de dentro do console.
- Que tal se eu ligar para você assim que acabar de ler isto?
- Mas você não sabe qual é o número do meu telefone – ele disse.
- Tenho motivos para acreditar que você anotou o número no livro.
Ele abriu aquele sorriso meio bobo.
- E você ainda diz que a gente não se conhece direito.

CAPÍTULO TRÊS

Fiquei acordada até bem tarde lendo *O preço do alvorecer*. (Para acabar com o suspense: o preço do alvorecer é o sangue.) Não era nenhum *Uma aflição imperial*, mas o protagonista, o Sargento Max Mayhem, era ligeiramente simpático, apesar de ter matado, pelas minhas contas, nada menos que cento e dezoito indivíduos em duzentas e oitenta quatro páginas.

Por isso acordei tarde na manhã seguinte, uma quinta-feira. Minha mãe seguia a seguinte política: nunca me acordar, pois um dos pré-requisitos do Doente Profissional é dormir muito. O que me deixou meio confusa, num primeiro momento, quando fui despertada pelas mãos dela em meus ombros.

— São quase dez horas da manhã — ela disse.

— O sono combate o câncer. Fiquei acordada até tarde lendo.

— Deve ser um livro e tanto — ela disse ao se ajoelhar ao lado da cama e me desconectar do enorme concentrador de oxigênio retangular, que eu chamava de Felipe, porque simplesmente tinha cara de Felipe. Mamãe me conectou a um cilindro portátil e me lembrou que eu tinha aula. — Foi aquele menino que deu isso para você? — ela perguntou.

— Com *isso* você quer dizer herpes?

— Você é impossível — mamãe comentou. — O livro, Hazel. Estou falando do livro.

— Sim, ele me deu o livro.

— Está na cara que você gosta dele — ela falou, as sobrancelhas arqueadas, como se uma observação dessas dependesse exclusivamente de um instinto maternal.

Dei de ombros.

— Eu disse que o Grupo de Apoio acabaria valendo a pena — continuou ela.

— Você ficou esperando lá fora o tempo todo?

— Fiquei. Levei coisas para ler. Mas isso não vem ao caso. Hora de sair para aproveitar o dia, minha jovem.

— Mãe. Dormir. Combate. Câncer.

— Eu sei, querida, mas você tem aula agora. Além disso, hoje é... — A alegria na voz da mamãe era evidente.

— Quinta-feira?

— Você esqueceu, de verdade?

— Talvez?

— Hoje é quinta-feira, vinte e nove de março — ela disse aquilo quase gritando, o sorriso estampado no rosto.

— Você parece estar muito feliz só de saber que dia é hoje — gritei também.

— HAZEL! HOJE É SEU TRIGÉSIMO TERCEIRO MEIO ANIVERSÁRIO!

— Ahhhhh! — falei. Minha mãe era totalmente adepta da prática de maximizar as celebrações de datas comemorativas. HOJE É O DIA DA ÁRVORE! VAMOS ABRAÇAR ÁRVORES E COMER BOLO! COLOMBO TROUXE VARÍOLA PARA OS NATIVOS DA AMÉRICA; PRECISAMOS FESTEJAR A DATA COM UM PIQUENIQUE! etc. — Já que é assim, feliz trigésimo terceiro meio aniversário para mim — completei.

— O que você quer fazer neste dia tão especial?

— Voltar para casa depois da aula e assistir ao maior número possível de episódios de *Top Chef* de uma vez só para bater o recorde mundial nessa categoria?

Mamãe esticou o braço e pegou, da prateleira acima da minha cama, o Azulzinho, o urso de pelúcia azul que eu tinha desde, tipo, um ano de idade — quando ainda era socialmente aceitável dar para os bichos de pelúcia nomes inspirados na cor deles.

— Você não quer ir ao cinema com a Kaitlyn ou com o Matt? — Esses eram meus amigos.

Era uma ideia.

— Pode ser — respondi. — Vou mandar uma mensagem de texto para a Kaitlyn e ver se ela quer ir ao *shopping* ou fazer alguma coisa depois da aula.

Mamãe sorriu, abraçada ao urso.

– Ir ao *shopping* ainda é considerado um programa legal? – ela perguntou.

– Eu me orgulho muito de não saber o que é ou não é um programa legal – respondi.

* * *

Mandei um torpedo para a Kaitlyn, tomei banho, vesti uma roupa e mamãe me deu uma carona até a escola. A matéria do dia era Literatura Norte-americana, uma aula sobre Frederick Douglass dada numa sala tipo anfiteatro praticamente vazia. Foi muito difícil manter os olhos abertos. Quarenta minutos depois de iniciada a aula de noventa minutos, a Kaitlyn respondeu.

Legal. Feliz Meio Aniversário. Castleton às 3h32?

A Kaitlyn possuía uma vida social concorrida, organizada visando o melhor aproveitamento do tempo dela. Respondi:

Boa ideia. Te vejo na praça de alimentação.

Mamãe me levou de carro direto da escola para a livraria ao lado do *shopping*, onde comprei tanto o *Alvoradas à meia-noite* quanto o *Réquiem para Mayhem*, os volumes seguintes da série “O preço do alvorecer”. Depois fui andando até a ampla praça de alimentação e comprei uma Coca Zero. Eram 3h21.

Enquanto lia, dei uma espiada nas crianças que brincavam num navio pirata na área de recreação do *shopping*. Duas atravessavam um túnel repetidas vezes, engatinhando, e não se cansavam daquilo, o que me fez lembrar do Augustus Waters e de seus lances livres carregados de existencialismo.

Mamãe também estava na praça de alimentação, sozinha, sentada em um canto, achando que eu não conseguia vê-la, comendo um sanduíche de filé com queijo e lendo alguns papéis. Artigos médicos, provavelmente. Aquelas leituras pareciam não ter fim.

Às 3h32 em ponto, avistei Kaitlyn passando, confiante e decidida, em frente ao restaurante Wok House. Ela me viu quando levantei o braço, abriu um sorriso de dentes branquinhos e recém-alinhados, e veio andando na minha direção.

Ela estava com um casaco cinza-escuro que ia até o joelho, perfeitamente ajustado ao corpo, e óculos escuros que cobriam boa parte do rosto. Ela empurrou os óculos para o alto da cabeça quando se abaixou para me abraçar.

— Amada — disse de um jeito levemente afetado. — Como vai?

Ninguém achava aquele modo de falar estranho nem se incomodava. Acontece que a Kaitlyn era uma *socialite* britânica de vinte e cinco anos presa no corpo de uma adolescente de dezesseis e morando em Indianápolis. Todo mundo aceitava aquilo.

— Estou bem. E você?

— Nem sei mais. Isso é Coca Zero? — Fiz que sim com a cabeça e entreguei o copo para ela, que tomou um gole pelo canudo. — Eu adoraria que você estivesse indo à escola nos últimos tempos. Alguns dos meninos ficaram totalmente *apetitosos*.

— É mesmo? Tipo quem? — perguntei. Ela listou cinco garotos que foram da nossa turma na educação infantil e no ensino fundamental, mas não consegui me lembrar de nenhum deles.

— Estou saindo com o Derek Wellington já faz algum tempo — ela disse —, mas não acho que vá durar. Ele é tão *infantil*... Mas chega de falar de mim. Quais são as novidades no universo Hazel?

— Nenhuma, na verdade — respondi.

— A saúde está boa?

— Na mesma, acho.

— Falanxifor! — ela disse, entusiasmada, sorrindo. — Então você pode acabar vivendo para sempre?

— Talvez não para sempre — ponderei.

— Mas, praticamente — ela falou. — Nenhuma outra novidade?

Pensei em contar para ela que estava saindo com um garoto também,

ou pelo menos que tinha assistido a um filme com ele, só porque sabia que o fato de alguém como eu, tão descuidada da aparência, dos bons modos e baixinha, poder, mesmo que por um breve momento, despertar o interesse de um garoto causaria surpresa e espanto na Kaitlyn. Mas não tinha muito do que me gabar, na verdade, então só dei de ombros.

— Céus, o que é *isso*? — ela perguntou, apontando para o livro.

— Ah, é ficção científica. Estou meio que curtindo *sci-fi* agora. É uma série.

— Estou chocada. Vamos fazer compras?

* * *

Fomos à sapataria. Enquanto escolhíamos os modelos, a Kaitlyn ia me mostrando sapatilhas abertas na frente e dizendo: “Essas ficariam lindas em você”, o que me fez lembrar do fato de que ela nunca usava sandálias porque odiava os próprios pés. Achava que os dedos ao lado dos dedões eram compridos demais, como se fossem uma janela para a alma, ou coisa assim. Então, quando apontei para um par de sandálias que combinavam com seu tom de pele, a Kaitlyn reagiu com:

— É, mas... — O *mas* querendo dizer *mas eles vão deixar meus dedos medonhos à mostra*.

— Kaitlyn, você é a única pessoa que eu conheço que tem dismorfofobia do dedo do pé — falei, e ela perguntou:

— O que é isso?

— Sabe quando você olha no espelho e o que vê não é exatamente o que é de verdade?

— Ah. Ah — ela disse. — O que acha desses aqui? — Segurou um par de sapatos estilo boneca bonitinhos, mas nada de mais, eu fiz que sim com a cabeça, ela achou um par do tamanho dela, calçou e andou de um lado para outro pelo corredor da loja, olhando os pés refletidos num espelho que ia até a altura do joelho. Depois pegou um par de sapatos altíssimos, com várias tiras, *à la* prostituta, e perguntou: — Será humanamente possível andar com isso aqui? Quer dizer, eu simplesmente *morreria*... — E então parou no meio da frase e olhou para mim como que pedindo desculpas, como se mencionar a morte para quem está morrendo fosse

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Culpa É Das Estrelas"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).